

CORREIO ECONÔMICO

Vendas do comércio varejista avançaram 0,6% em julho

Resultado eleva alta anual para 5,1% e soma 3,7%, em 12 meses

Por Marcello Sigwalt

Após o recuo de 0,9%, observado em junho, as vendas do comércio varejista voltaram a crescer em julho, avançando 0,6%, no comparativo mensal. Com esse resultado, o setor acumula alta de 5,1%, de janeiro a julho e de 3,7%, em 12 meses. Já no comparativo anual (julho 2024/julho 2023), a elevação foi de 4,4%, o que corresponde à 14ª alta consecutiva, conforme dados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada, nessa quinta-feira (12), pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Ao assinalar que o patamar do varejo em julho ficou 0,3% aquém do recorde, de maio, o gerente da pesquisa, Cristiano Santos comentou que "houve um crescimento nos cinco primeiros meses do ano que levou a uma condição de patamar bem alto, o maior da série histórica da PMC, em maio. Teve a queda de junho, mas a recuperação de julho é um ajuste nessa trajetória. Trata-se de uma reabilitação espalhada entre as



Vendas do varejo retomam 'rota de ascensão', após exibirem queda anterior

atividades, com cinco setores apontando crescimento com consistência".

As vendas no grupamento de Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo subiram 1,7%, de junho a julho. "É um setor que espelha o comportamento da pesquisa: vem em trajetória consistente no ano, queda em junho e recu-

peração em julho", completa o gerente do PMC.

Também relevante foi a expansão de 2,1%, em julho, do setor de 'Outros artigos de uso pessoal e doméstico'. "Neste caso, é uma trajetória ainda mais substancial em 2024, após um 2023 de resultados difíceis, com a crise contábil que atingiu grandes lojas do segmento", observa Santos.

A PMC verificou, ainda, que outros três setores acompanharam as vendas no varejo nacional, além de avançar, no comparativo mensal, como Equipamentos e material para escritório informática e comunicação (2,2%), Tecidos, vestuário e calçados (1,8%) e Móveis e eletrodomésticos (1,4%).

Varejo ampliado teve alta moderada

Mais moderada foi a alta mensal de 0,1% do volume de vendas do comércio varejista ampliado (que inclui, além do varejo, as atividades de veículos, motos, partes e peças, material de construção e atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo). "No caso do varejo ampliado, o desempenho mais recente é de variações tímidas", resume o pesquisador do IBGE.

No acumulado do ano, o

comércio varejista ampliado teve alta de 4,7%, e de 3,8%, nos últimos 12 meses, de 3,8%. No confronto contra julho de 2023, a expansão foi de 7,2%.

Para o crescimento de 4,4% das vendas no varejo, em julho, no comparativo anual, marcando o 14º mês positivo seguido, contribuíram seis das oito atividades pesquisadas no indicador: Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (16,0%), Outros

artigos de uso pessoal e doméstico (10,6%), Móveis e eletrodomésticos (8,1%), Tecidos, vestuário e calçados (5,2%), Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (3,0%) e Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (0,3%). Apenas os grupos de Livros, jornais, revistas e papeleria (-5,0%) e Combustíveis e lubrificantes (-4,3%) tiveram queda.

No caso do varejo amplia-

do, os três setores adicionais tiveram resultados positivos: Veículos e motos, partes e peças (20,3%), Material de construção (11,0%) e Atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo (0,6%).

No comparativo mensal, em sintonia com o resultado nacional das vendas varejistas, houve avanço em 15 unidades da federação (UFs), com destaque para Tocantins (6,7%), Piauí (3,5%) e Paraíba (3,0%).

Petrobras cai e derruba bolsa: -0,48%

Com os avanços consistentes dos papéis da Vale, parcialmente anulados pela queda das ações da Petrobras, a Bolsa recuou 0,48%, aos 134.029 pontos, na sessão dessa quinta-feira (12), enquanto o dólar registrou queda de 0,56% a R\$ 5,617, mediante a repercussão de investidores ante a uma nova bateria de dados domésticos e dos Estados Unidos, sem contar o corte nos juros pelo BCE (Banco Central Europeu).

O mercado analisou mais uma rodada de divulgações macroeconômicas em busca de sinais sobre as próximas decisões de política monetária, daqui e do exterior.

Os pedidos iniciais de auxílio-desemprego nos Estados Unidos ficaram em 230 mil na semana encerrada em 7 de setembro, em linha com o esperado e pouco acima dos 228 mil da leitura anterior.

O relatório, antes tido



Perdas de papéis da Petrobras 'arrastam' Ibovespa

como secundário por operadores financeiros, passou a ser observado de perto em meio à mudança de foco do Fed (Federal Reserve, o banco central norte-americano) para as taxas de ocupação.

A autoridade monetária trabalha com um mandato du-

plo, isto é, observa de perto os dados de inflação e trabalho para decidir sobre os juros. O objetivo é atingir o chamado "pouso suave", quando índices inflacionários convergem para a meta sem maiores danos à empregabilidade do país.

Na quarta-feira, o índice de

preços ao consumidor (PCE, na sigla em inglês) mostrou desaceleração na base anual para 2,5% em agosto, ante 2,9% em julho, com convergência gradual à meta de 2%, com indicação de enfraquecimento do mercado de trabalho.

Para atingir o "pouso suave", o Fed irá cortar os juros de forma gradual a partir da próxima reunião de política monetária, entre os dias 17 e 18 de setembro, que deverá ficar entre 5,25% e 5,50%.

As apostas de um corte de 0,25 ponto percentual agora reúnem 87% dos agentes financeiros, segundo a ferramenta FedWatch, com os 13% restantes centrados na redução maior, de 0,50 ponto.

Ainda na cena externa, o BCE realizou um novo corte de 0,25 ponto percentual na taxa de juros, para 3,50%, em movimento amplamente esperado pelos investidores.

Safrá de 2024 deverá ser 6,2% inferior

Como esperado, a estimativa de agosto da safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas deste ano deverá apresentar uma queda de 6,2%, ante aquela registrada em 2023, totalizando 296,4 milhões de toneladas. Em relação à previsão de julho, a previsão registrou recuo de 0,6%, mediante perda de 1,7 milhão de toneladas. Os dados foram divulgados, nessa quinta-feira (12), pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geo-

grafia e Estatística).

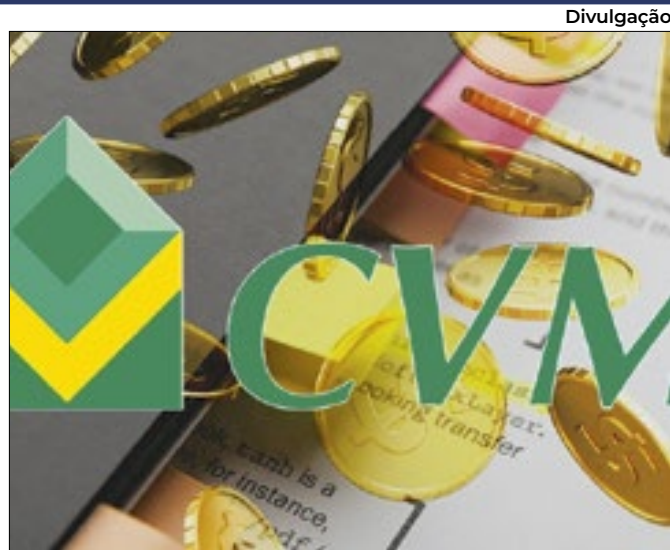
Em contrapartida, a área a ser colhida em 2024 deve crescer 0,9%, perfazendo 78,6 milhões de hectares, volume 736.017 hectares superior ao do ano passado. No comparativo mensal, houve estabilidade, com avanço de 8.807 hectares (0,0%).

O gerente de agricultura do IBGE, Carlos Alfredo Guedes analisa que "a safra 2024 apresentou uma série de dificulda-

des desde a sua implantação. Houve falta de chuvas para a produção de soja e milho, e depois excesso de chuvas, culminando com as enchentes do Rio Grande do Sul. Tudo isso afetou a safra desse ano. É uma safra 6% menor do que a do ano passado, o que representa 19 milhões de toneladas a menos. Para esse mês, três culturas influenciaram nessa redução. O milho de primeira safra caiu 1,6%, o milho de segunda redu-

ziu caiu 0,6%; e trigo diminuiu 5,4%, o que representa 511 mil toneladas a menos".

No caso do trigo, embora a expectativa seja de uma safra 16% maior que a de 2023, o clima adverso colapsou as lavouras e reduziu drasticamente a produtividade e a qualidade do cereal. Para Guedes completa que se trata de uma cultura sujeita a reavaliações até dezembro ainda, quando termina a colheita no Rio Grande do Sul.



Autarquia sinaliza maior acesso às pequenas empresas

CVM flexibiliza regras para atrair pequenas empresas

Flexibilizar as regras de acesso à bolsa por empresas com faturamento anual de até R\$ 500 milhões. Essa é o principal objetivo da consulta pública, iniciada nessa quarta-feira (11), pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários), que pretende 'baixar os muros' do mercado de capitais às empresas de menor porte.

De forma simplificada, o arcabouço do acrí-

mo FÁCIL (Facilitação do Acesso a Capital e de Incentivo a Listagens), o órgão regulador estabeleceu prazo até 6 de dezembro próximo para o envio de comentários, no contexto da consulta pública. A ideia aqui é adotar novas regras da Lei das S.A., de modo que as emissões de valores mobiliários se tornem mais viáveis e atrativas a essas empresas.

Capital listado

Ao explicar que o segmento, desde que haja capital listado, poderá fazer ofertas (ações e debêntures) de até R\$ 300 milhões no ano, o presidente da CVM, João Pedro Nascimento acentuou que, "no crédito corporativo, modulamos as regras das ofertas a investidores profissionais".

IPOS

A medida prevê a criação de uma espécie de "subcategoria", que permita às pequenas companhias realizar IPOS (ofertas públicas iniciais) ou emissões de títulos de dívidas, conforme um arcabouço mais flexível de normas, que favoreça a ida à bolsa de valores.



Orgulho aeronáutico nacional avança na Índia

Embraer envia delegação à Índia para ampliar mercado

Avaliar a possibilidade de expansão de sua cadeia de fornecedores no país asiático. Essa é a missão central da delegação de executivos da Embraer (EMBR3) à Índia, informou a empresa, nessa quarta-feira (11), que avalia potenciais fornecedores nas áreas de Defesa, Aviação Comercial e Aviação Executiva, em áreas como

aeroestruturas, usinagem, forja e fundição, conformações metálicas, compostos, cablagem, hardware e de software. "Há grandes possibilidades de os desenvolvedores de sistemas indianos se tornem fornecedores da Embraer", destacou o vice-presidente-executivo da Embraer, em Roberto Chaves.

Estratégico

Mercado estratégico para todos os seus segmentos de negócios, a Índia possui 44 aeronaves da Embraer, em que o governo indiano e a Força Aérea Indiana operam, respectivamente, uma frota de cinco jatos VIP da Embraer e três aeronaves militares EMB 145 AEW "Netra".

Oportunidades

Entre as oportunidades futuras na Índia, a Embraer destaca a concorrência no Programa MTA (Medium Transport Aircraft) da Força Aérea Indiana, no qual a fabricante nacional está bem posicionada para oferecer o C-390, após parceria firmada em fevereiro de 2024.

Grande propulsor

Responsáveis por 70% das transações de ativos comerciais, os fundos de investimento imobiliário (FIIs) são o 'grande propulsor' do mercado imobiliário, nos últimos anos, admite o diretor sênior de Mercado de Capitais e Asset Management da CBRE Brasil, Edson Ferrari.

Reversão

"Uma ducha de água fria". Assim classificou Ferrari o efeito da interrupção do ciclo de queda dos juros básicos (Selic) sobre os investimentos do mercado imobiliário neste ano, tendo em vista se antecipar na alta e comprar na baixa, para frustração dos investidores do setor.